

Seria a religião a principal razão para o conflito entre Arábia Saudita e Irã?

MARIANA NASCIMENTO

É muito comum a mídia ocidental estabelecer as diferenças religiosas entre xiitas e sunitas como a principal - às vezes única - motivação para os conflitos no Oriente Médio. Porém, algumas rivalidades, como a da Arábia Saudita e do Irã, são absolutamente mais complexas do que a simples divergência religiosa, ainda seja inegável a influência da religião tanto no processo de formação dos Estados, como na elaboração e execução de suas políticas externas.

Assim, essa análise busca identificar como as diferenças religiosas influenciam a rivalidade entre a Arábia Saudita e o Irã. Entendendo a ligação entre o islamismo e o processo histórico de formação dos países e também a influência das suas divergências religiosas nos objetivos de suas políticas externas pós-Primavera Árabe.

Diferença entre sunitas x xiitas

Irrupendo pouco após a morte de Maomé, a divisão entre sunitas e xiitas provém da divergência dos grupos quanto a quem deveria ser o sucessor de Maomé (BERGER & STERN, 2015). Enquanto os sunitas defendiam a eleição de Abu Bakr - sogro de Maomé - como Califa, considerando a antiguidade de sua fé, os xiitas advogavam por Ali - primo e genro de Maomé - como chefe do islã, pois assim seria conservada a liderança do Islamismo aos descendentes de Maomé, através de sua filha Fátima (MARQUES, 2015).

Com as diferentes interpretações sobre quem deveria suceder o grande profeta, as lideranças islâmicas, após Maomé, foram instáveis. O primeiro Califa foi Abu Bakr, sucedido por Omar, Uthman e Ali, último dos "Califas bem Orientados". Sua morte dividiu de maneira definitiva a religião, já que os sunitas acreditavam que todos os quatro Califas foram governantes misericordiosos e capazes, ao passo que os xiitas viam essas características somente em Ali (MARQUES, 2015).

Isso levou a outra diferença entre os grupos. Os sunitas admitiram que a Sharia, fosse composta pelo Alcorão e pela Suna – conjunto de tradições e costumes passados pelos profetas para a comunidade islâmica – de Abu Becre, dos três primeiros califas e dos Omíadas. Já os xiitas, embora possuíssem também uma Suna, ela é composta apenas dos ensinamentos de Ali, que, na visão do grupo, havia sido lesado pela eleição de seus antecessores (BERGER & STERN, 2015).

Com a morte de Ali, os xiitas foram perseguidos e depositaram sua liderança nos Imans, sucessores de Ali. A perseguição, fez com que diversas seitas xiitas ficassem escondidas e ganhassem um caráter mais “místico” e “messiânico” (MARQUES, 2015).

Influências da religião nos conflitos entre Arábia Saudita x Irã

Como os povos islâmicos não fazem separação do campo político do religioso, é claro que diversas ações políticas terão justificativas na religião. Porém, qual é a relevância dessa influência no conflito entre Arábia Saudita e Irã?

Para responder essa pergunta é importante considerar a Revolução Iraniana de 1979. Com a deposição do governo monárquico de Xá Reza Pahlevi, um regime modernizador e pró ocidental, e instaurou uma República Teocrática Islâmica, com o ideal de reacender os princípios xiitas. Isso fez com que o Irã não apenas tivesse como base os ideais islâmicos, mas também se colocasse contra o Ocidente. A Revolução permitiu uma emergência autônoma do Irã, tanto em quesitos econômicos quanto militares, projetando seu poder sobre o Oriente Médio e abrindo espaço para uma nova potência na região (FIOREZE, 2018).

Com a ascensão da República Islâmica Iraniana, no decorrer dos anos 1980, percebe-se um afastamento dos países da região e conseqüente isolamento do Irã. Isso aconteceu principalmente por parte das monarquias do Golfo, que se uniram contra a ameaça de levantes populares antimonárquicos (FRANCO, 2012). Isso levou a um tensionamento das relações e criação das alianças na região. Tendo o Irã se aproximado da Síria e do Hezbollah e do outro lado a Arábia Saudita, que se aliou às monarquias petrolíferas, aos Estados Unidos e, menos abertamente, a

Israel (FIOREZE, 2018).

A formação do Estado Saudita também tem relação indissociável com a religião. Entre o aparecimento do profeta e da corrente Wahabita, a Arábia era um território fragmentado, até que o fundador e pregador da ideologia wahabita, Muhammad Ibn Abd al-Wahhab, foi acolhido pelo Emir da época. Os dois fundaram uma das mais fortes e duradouras alianças da história do islamismo. Al-Wahhab pregava na escola sunita uma doutrina anti-idolatria, anti-xiita e anti-costumes populares (GONÇALVES, 2022).

Porém, foi no final do século XX que a Arábia Saudita, reino como conhecemos hoje, emergiu. Contudo, é possível notar também que a influência da religião no conflito é diferente da divulgada na mídia ocidental mainstream. E o estabelecimento desse Estado está ligado a três características principais: i) A cultura “tribal” tradicional beduína; ii) a doutrina religiosa wahabita; iii) a cultura “moderna” importada do Ocidente. Esses aspectos tornam a formação do Estado Saudita completamente diferente da dos outros países do Oriente Médio (ibid.).

Dessa forma percebe-se que é impossível desassociar a religião da formação do Estado saudita e do iraniano. O islamismo também teve influência no início dos conflitos entre Arábia Saudita e Irã, uma vez que a Revolução Iraniana de 1979 e a forma como a Arábia se formou propiciou a aproximação do país com as monarquias do Golfo, tencionando relações e favorecendo a criação de alianças que se mantêm até hoje.

Política Externa da Arábia Saudita a partir de 2015

Após a Primavera Árabe, a Arábia Saudita se viu afrontada por diversas ameaças regionais, sendo a principal delas o Irã. O país costumeiramente não é muito preocupado com a dependência de potências externas, e em uma realidade a qual está cercada de problemas regionais, a aproximação com o globo configura uma opção muito agradável (GONÇALVES, 2022). A relação do país com os Estados Unidos é antiga, e por isso terá um foco nessa análise. Porém, essa é uma aproximação que muitas vezes deixa os estadunidenses em uma posição desconfortável, já que eles precisam equilibrar muito bem a “balança de vantagem estratégica” entre Israel e a Arábia Saudita, mantendo a vantagem do estado israelense, pelo menos

na que diz respeito ao hard power (GONÇALVES, 2022). Prova disso é que existem indícios de que o envio de armas estadunidenses para os sauditas passa primeiramente por uma etapa de pré-negociação com o Estado judeu (EKOVIK, 2016 apud GONÇALVES, 2022). A Arábia Saudita consegue também fortalecer sua influência em solo estadunidense, a partir de mecanismos como o Arab American Institute e também com o financiamento de Think Tanks.

A economia saudita é a maior do Oriente Médio, sendo o único país da região a participar do G20 (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2023). Esse fator demonstra que o país é detentor de um reconhecimento global, pelo menos na área de economia e finanças, diferenciado dos seus vizinhos (GONÇALVES, 2022).

Uma vez que o país está mais alinhado ao ocidente, um dos maiores problemas, relacionados à política externa, enfrentado pela Arábia Saudita atualmente são as diversas críticas às violações de direitos humanos. O governo, embora tente promover eventos internacionais que o desvincule dessa imagem, continua sofrendo represálias por conta da falta de liberdade de expressão no país e as punições aplicadas a jornalistas e a imprensa, por exemplo (HOFFMAN, 2020). Esse é um grande problema porque a ajuda externa é uma das ferramentas fundamentais para a diplomacia econômica de qualquer Estado e um dos artifícios indispensáveis dos sauditas na sua política econômica. Por isso, nos últimos anos o país vem tentando expandir uma imagem "futurista" para o mundo, empenhando-se também em tornar um polo turístico como uma alternativa a Dubai (GONÇALVES, 2022).

Política Externa do Irã a partir de 2015

A constituição vigente no Irã, atualmente, é a de 1979, implementada após a Revolução Iraniana. Mesmo fora do marco temporal da análise é importante investigá-la uma vez que ela determina quatro pilares para a política externa do país, sendo eles:

"i) rejeição de todas as formas de dominação estrangeira; (ii) preservação da independência e integridade territorial do país; (iii) defesa dos direitos de todos os muçulmanos sem alinhamento às

potências hegemônicas; e (iv) manutenção do relacionamento com países não beligerantes” (EHTESHAMI E ZWEIRI, 2008 apud SANTO & BALDASSO, 2018).

Esses preceitos guiam a política externa do país até hoje e por isso o Irã mantém medidas anti ocidentais e tenta fortalecer grupos xiitas, julgados oprimidos, na região.

Os meios utilizados pelo Irã para atingir esses objetivos são seis: i) as organizações multilaterais, nos quais o governo iraniano sugere a criação de novos organismos islâmicos; ii) a propaganda, com o objetivo de difundir a imagem do país no mundo; iii) peregrinações para lugares santos; iv) a subversão; v) os movimentos revolucionários; vi) a guerra, como princípio de autodefesa (ZAHAR, 1991).

Esses princípios e meios se mantêm até hoje graças a necessidade, vinda desde a Revolução, de afirmar sua autonomia e independência no mundo. As diversas interferências externas em conflitos iranianos, como a intervenção estadunidense na Guerra contra o Iraque, fez com que o rancor ocidental só aumentasse e o Irã tivesse mais motivos para manter e insistir nessa política (LEVERETT; LEVERETT, 2013). Assim, as políticas da República Islâmica do Irã vem sendo conduzidas de acordo com os interesses da nação, guiadas pela constituição, utilizando da ideologia religiosa para alcançar os objetivos do país. (ROBERTO, 2015)

Conclusão

A partir dessa análise é possível concluir que embora a religião tenha sim influenciado o processo de formação dos Estados e contribuído para o surgimento da rivalidade, é incorreto afirmar que ela seja a principal, ou mesmo a única, motivação, como alguns jornais insistem em veicular. Definitivamente, é importante que o histórico religioso seja levado em consideração para compreensão mais completa do conflito, principalmente ao observar a política externa do Irã, que ainda mantém fortes tendências teocráticas. Contudo, atualmente as políticas externas da Arábia Saudita indicam outras preocupações e interesses, e a difusão da religião ou ainda a disputa religiosa não parece estar no topo da lista.

Referências

BERGER, J.M. & STERN, Jessica. Estado Islâmico: Estado de Terror. 1. ed. Portela: Vogais, 2015.

FIOREZE, Rafaela Elmir. A Revolução Iraniana e a projeção regional do Irã: impactos e

impasses atuais (1979-2018). Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS. Campus do Vale - UFRGS, 2018. Resumo da palestra disponível em: file:///C:/Users/MZ4L8C/Downloads/Resumo_60115.pdf. Acessado em 12 jun. 2023.

FRANCO, Raquel Trabazo Caballal. O redimensionamento da Arábia Saudita como centro de poder no Oriente Médio e seus reflexos nas relações com o Irã.

. Monografia (Especialista em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

GONÇALVES, Mathilde Filomena da Silva. A Política Externa da Arábia Saudita a partir de 2015 - Mudanças e Continuidades. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2022.

HOFFMAN, A. G20 in Riyadh: Saudi Arabia's Global Moment. Obtido de Moshe Dayan Center for Middle Eastern and African Studies. 4 dez. 2020. Disponível em: <https://dayan.org/content/g20-riyadh-saudi-arabias-global-moment>. Acessado em: 14 dez. 2023.

LEVERETT, Flynt; LEVERETT, Hillary. Going to Tehran: Why the United States Must

Come to Terms with the Islamic Republic of Iran. Nova York: Metropolitan Books, 2013.

MARQUES, Francisco Henriques de Jesus Soromenho. As tensões intra-islâmicas: a oposição entre sunitas e xiitas no contexto geopolítico do médio oriente. Tese (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Estudos Políticos, Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2015.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Grupo dos 20 - G20. Disponível em: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/assuntos-economicos-internacionais/cooperacao-internacional/grupo-dos-20-g20>. Acesso em: 14 fev. 2023.